

APRESENTAÇÃO

Dossiê “De onde vem o imaginário dos filmes e séries de sucesso?”

Desvendar qual é a fórmula para o sucesso das produções audiovisuais tem sido o objetivo de quem está diretamente envolvido com elas – de roteiristas a diretores, de produtores aos executivos de estúdios – e também de uma parte da academia, que tenta entender como determinados filmes, séries e novelas são tão eficientes em conquistar grandes audiências.

Alcançar plenamente essa fórmula parece algo pouco provável, em função da complexidade e imprevisibilidade das múltiplas variáveis envolvidas, especialmente daquelas relativas aos ciclos de gostos do público. De qualquer forma, ao tentar entender o fenômeno, principalmente a partir da perspectiva de que ele se constitui num intrincado processo comunicacional, vários estudos e pesquisas têm ajudado a compreendê-lo cada vez melhor.

Um dos fatores que explica o sucesso global de algumas produções é a capacidade que os imaginários que emergem delas têm em seduzir audiências e penetrar em diferentes culturas. O universo criado e compartilhado pelas produções ficcionais é, assim, um dos campos promissores para as investigações. Entender a adesão em massa do público a determinados universos imaginários é um dos caminhos para se avançar na compreensão do fenômeno do sucesso na produção audiovisual.

Tal compreensão, no entanto, não deve se restringir ao conteúdo e à estética do filme ou série, aos elementos simbólicos que se articulam para compor a narrativa. Ela tem de ser ampla e atravessar todo o percurso que vai do processo criativo ao de fruição, o que inclui analisar fatores referentes às condições de criação e produção dos imaginários, por uma indústria regida pela lógica dos negócios, e estudar

como que os desejos do público moldam esses universos ficcionais. Desvendar os mecanismos desse compartilhamento de visões de mundo, percepções e sensações é um dos grandes desafios dos estudos dos processos comunicacionais.

O **Dossiê** desta edição da revista **RuMoRes** busca, assim, contribuir na compreensão de como se dá a construção dos imaginários compartilhados de forma bem-sucedida por filmes, séries televisivas e novelas, a partir de diferentes perspectivas, desenvolvidas por pesquisadores brasileiros e internacionais.

Dois artigos que têm seus fundamentos teóricos no pensamento de Gilbert Durand abrem o **Dossiê**. Em “Campeões de bilheteria e o sucesso como antídoto ao terceiro”, Ana Taís Portanova Barros (UFRGS) propõe uma reflexão sobre as condições simbólicas que, no cinema, podem participar da imagem do sucesso. A partir da análise de três filmes campeões de bilheteria: *...E o vento levou*, *Avatar* e *Titanic*, Barros mostra como nessas obras é escamoteada a pluralidade, com a recusa da efetividade do Outro enquanto terceiro. Em “Imaginário serial: compartilhamento de arquétipos”, Danielle Perin Rocha Pitta (UFPE), a partir da tese de que na base de todo relato imagético estão os arquétipos, mostra como que produções cinematográficas e televisivas devem o seu sucesso à força da redundância das imagens, à familiaridade, à sensação de segurança (imaginário transcendental) e à distração do próprio cotidiano.

No artigo “A filosofia de *Match Point*: síntese do imaginário trágico de Woody Allen”, Rogério de Almeida (USP) e Marcos Beccari (USP) propõem uma interpretação filosófica do filme *Match Point* e buscam demonstrar como essa película sintetiza o imaginário trágico de Woody Allen.

O imaginário cinematográfico também está no foco das duas contribuições internacionais que compõem este **Dossiê**. Temenuga Trifonova (York University) trata no artigo “Agência nos thrillers cinematográficos de conspiração” das mudanças de representação da agência num conjunto de filmes bem-sucedidos nas últimas décadas, que aponta para um crescimento no imaginário contemporâneo da incerteza sobre questões de causalidade, responsabilidade e agência e para a rotinização da conspiração. Em “Tomando decisões criativas nos estúdios da

Hollywood contemporânea”, Alexander G. Ross (Universidade de Cambridge) discute o processo de criação nos grandes estúdios apresentando os vários fatores e agentes que contribuem para a construção dos imaginários dos filmes bem-sucedidos.

Análises dos imaginários de produções audiovisuais para a televisão compõem a segunda metade do **Dossiê**. Em “*Outlander: um olhar feminino sobre a sexualidade*”, Carlos Gerbase (PUC-RS) analisa o romance *Outlander*, de Diana Gabaldon, e a primeira temporada da série de TV homônima, a partir da releitura do ensaio “Prazer visual e cinema narrativo”, de Laura Mulvey, para mostrar as possíveis transformações no imaginário nas últimas décadas, especialmente na questão da misoginia. No artigo “Serialização da cultura e promoção de imaginários ambivalentes: construindo o comum-excepcional em *A feiticeira*”, Rose de Melo Rocha (ESPM) e Paulo Roberto Ferreira da Cunha (Doutorando ESPM) problematizam algumas significações imagéticas e imaginárias articuladas no consumo de narrativas serializadas tendo como objeto de estudo um dos seriados de maior sucesso na TV americana nos anos 1960.

Já em “Anotações sobre a modernidade líquida em *Once upon a time*”, Laura Cánepa (UAM) e Marcos Aleksander Brandão (Doutorando UAM) discutem a série contemporânea “Once Upon a Time” e o seu sucesso a partir de aspectos do conceito de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman. Por fim, em “Representação da violência doméstica em produções seriadas brasileiras”, Mônica Martinez (UNISO) e Samantha Nogueira Joyce e (Saint Mary’s College) abordam o tema a partir dos estudos da narrativa e do imaginário.

Os artigos que compõem este **Dossiê** estabelecem, assim, um amplo panorama sobre de onde vêm os imaginários de sucesso e, com isso, contribuem para enriquecer a reflexão sobre a produção audiovisual contemporânea. Dialogam, ainda, com os demais artigos presentes nesta edição, contribuindo para os debates entre os estudos de comunicação, a análise das mídias e dos discursos nelas presentes.

Silvio Anaz

novembro de 2017